

Sarney fará balanço da Nova República dia 3

26 OUT 1985

Menezes de Moraes

O balanço oficial dos sete primeiros meses do governo civil da Nova República será feito no dia 3 de novembro pelo presidente José Sarney, através de uma cadeia nacional de rádio e televisão, segundo revelou ontem um assessor presidencial. Sarney falará das dificuldades econômicas do País e da luta do seu governo para combater a recessão, o desemprego e a alta do custo de vida. E reafirmará que optou pela política de crescimento da economia.

Em conversa ontem à tarde com uma delegação de maçons do grau 33, recebida em audiência no Palácio do Planalto, Sarney afirmou a Alberto Mansur, presidente do Conselho Superior da Maçonaria, que está utilizando toda a sua vivência e experiência parlamentar para resolver os problemas do País. "Esta é a missão mais difícil que a vida me impôs. Estou procurando fazer o melhor para atender aos anseios do povo brasileiro", disse o presidente da República.

Inflação

Por outro lado, Sarney afirmou ontem, no seu primeiro programa de rádio que será feito todas as sextas-feiras, que o povo brasileiro elegeu a inflação como o problema número um dos Países. "Em todas as pesquisas de opinião pública o povo, quando se pergunta qual é o maior problema, responde que é a inflação, quer dizer, o custo de vida. Os preços sobem e diminui o poder de compra dos assalariados. A inflação não atinge somente o bolso, mas atinge a boca".

— Os ricos podem se defender da inflação — acrescentou Sarney — os pobres não. E o Brasil tem uma das maiores inflações do mundo. Estamos dispostos a combatê-la, estamos no combate e continuaremos, mas os resultados não podem ser rápidos nem milagrosos. Quando assumi o governo me disseram que eu deveria usar medidas drásticas para levar a inflação a zero. Trataram de me induzir ao continuismo, continuar na recessão, parar de crescer, diminuir o crédito, achataram os salários. Isto significava desemprego, revolta social e mais sacrifícios. Recusei este caminho porque não o achei justo, porque ele não serve para o Brasil.

Crescimento

Ao optar por outra fórmula econômica de administrar o País, sem uma ruptura radical dos meios de produção e da distribuição das riquezas, o presidente Sarney afirmou que preferiu o crescimento econômico. "Muitos críticos", disse ele, disseram que essa minha decisão iria levar o País a uma inflação de 500 e até mil por cento. Felizmente nada disso aconteceu. Escolhi o caminho do crescimento e a inflação está menor do que em 1984".

Este fato, segundo Sarney, permitiu que acontecesse "o que nunca houve: o trabalhador pode comprar mais. A economia está em crescimento, como mostram o crescimento da indústria e o crescimento do comércio, porque os preços não subiram mais nem sobem como subiram no passado. Atualmente os preços subiram menos do que os salários. Conseguimos criar mais de um milhão de empregos, os juros baixaram, a confiança está voltando, o setor privado se reanima, há certeza de que o governo é sério, austero, moralizador, trabalhador e contra a corrupção".

De todos

Sarney disse ainda que o povo brasileiro deve saber que o governo não é dele. "O governo é nosso. O governo não é inimigo, o governo é amigo. Ele deseja acertar, o progresso começa dentro de cada um. A luta contra a inflação, portanto, é uma luta de todos".

Concluindo, o presidente comentou que a sociedade como um todo deve ficar certa que "ninguém é mais interessado do que eu em que a inflação baixe e eu acredito que ela vai baixar porque o Brasil vai dar certo. Contem com o presidente. Mas o presidente, para o êxito do seu trabalho, precisará contar com você". Sarney fará esse tipo de pronunciamento, via rádio, todas as sextas-feiras, durante cinco minutos, numa transmissão da Empresa Brasileira de Notícias (EBN).

Presidente fala em rede de rádio

O presidente José Sarney denunciou ontem, em pronunciamento através de uma cadeia nacional de rádio, que sofreu pressões para adotar o "continuismo" em seu governo, "continuar na recessão, parar de crescer, diminuir o crédito, achataram os salários. Isto significava desemprego, revolta social e mais sacrifícios. Recusei esse caminho, porque não o achei justo, porque ele não serve para o Brasil".

Sarney acusou ainda a atuação de "críticos" que disseram que "essa decisão iria levar o País a uma inflação de 500 e até de mil por cento. Felizmente nada disso aconteceu, escolhi o caminho do crescimento e a inflação está menor do que em 1984. E houve o que nunca houve: o trabalhador pode comprar mais, a economia está em crescimento, como mostram o crescimento da indústria e o crescimento do comércio, porque os preços não subiram mais nem sobem como subiam no passado e percentualmente os preços subiram menos do que os salários".

O texto do pronunciamento do presidente foi alterado várias vezes antes de ser gravado, na noite de quinta-feira, para ir ao ar na manhã de ontem, devendo repetir-se todas as sextas-feiras. No de ontem, ele revela que, quando assumiu o Governo, lhe disseram que deveria usar medidas drásticas para levar a inflação a zero.

Ele reconhece, baseado em pesquisas de opinião pública, que o maior problema do País é a inflação, o custo de vida, porque, com a subida dos preços, diminui o poder de compra dos assalariados. E que a inflação é a maior inimiga dos assalariados. "Ela não atinge somente o bolso, mas ela atinge a boca. Os ricos podem se defender da inflação. Os pobres não. E o Brasil tem uma das maiores inflações do mundo. Estamos dispostos a combatê-la, estamos no combate e continuaremos, mas os resultados não podem ser rápidos e milagrosos".

Recusando a recessão

Pronunciamento do presidente José Sarney em rede de rádio ontem pela manhã:

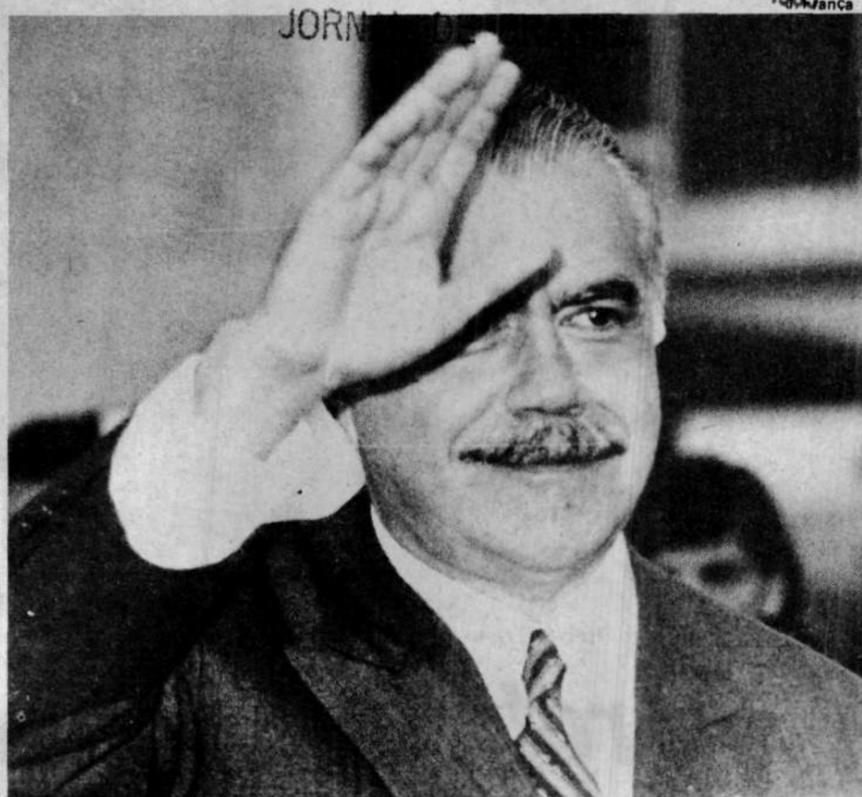
"Bom dia. Início hoje uma conversa ao pé do rádio com todos os brasileiros. Devo falar simples e direto. Em todas as pesquisas de opinião pública o povo, quando se pergunta qual o maior problema, ele responde que é a inflação, quer dizer, o custo de vida. Os preços sobem e diminui o poder de compra dos assalariados, porque a inflação é realmente a maior inimiga dos assalariados. Ela não atinge somente o bolso, mas ela atinge a boca. Os ricos podem se defender da inflação, os pobres não. E o Brasil tem uma das maiores inflações do mundo. Estamos dispostos a combatê-la, estamos no combate e continuaremos, mas o resultado não podem ser rápidos nem milagrosos".

Quando assumi o governo me disseram que eu deveria usar medidas drásticas para levar a inflação a zero. Tentaram me induzir ao continuismo, continuar na recessão, parar de crescer, diminuir o crédito, achataram os salários. Isto significava desemprego, revolta social e mais sacrifícios. Recusei esse caminho, porque não o achei justo, porque ele não serve para o Brasil.

Muitos críticos disseram que essa decisão iria levar o País a uma inflação de 500 e até mil por cento. Felizmente, nada disso aconteceu. Escolhi o caminho do crescimento e a inflação está menor do que em 1984. E houve o que nunca houve: o trabalhador, pode comprar mais e a economia está em crescimento, como mostram o crescimento da indústria e o crescimento do comércio, porque os preços não subiram mais nem sobem como subiam no passado e atualmente os preços subiram menos do que os salários. Conseguimos criar mais de um milhão de empregos, os juros baixaram, a confiança está voltando, o setor privado se reanima, há certeza de que o governo é sério, austero, moralizador, trabalhador e contra a corrupção. Mas eu quero que o povo saiba: o governo não é meu, o governo é nosso. O governo não é inimigo, o governo é amigo, ele deseja acertar. O processo começa dentro de cada um. A luta contra a inflação, portanto, é uma luta de todos.

Fiquem certos de que ninguém é mais interessado do que eu em que a inflação baixe e eu acredito que ela vai baixar, porque o Brasil vai dar certo.

Contem com o presidente, mas o presidente, para o êxito do seu trabalho, precisa contar com você".



Sarney prepara pronunciamento recheado de assuntos ligados à recessão

A UnB na Constituinte

Luiz Artur Toribio

O reitor da Universidade de Brasília, Cristovam Buarque, anunciou ontem ao JBr o projeto "A UnB e a Constituinte" que envolverá toda a comunidade universitária, políticos, ministros de Estado e a população brasiliense. Em entrevista exclusiva, o reitor Cristovam Buarque explicou que o projeto será dividido em três etapas. 1ª - A UnB ouve? 2ª - A UnB fala? e 3ª - A UnB vota. A primeira etapa começará em meados do próximo mês, ou melhor: exatamente no dia 16, quando serão ouvidos os ministros Fernando Lyra, da Justiça, e Marco Maciel, da Educação.

A segunda etapa do projeto "A UnB e a Constituinte" começará a ser desenvolvida em março de 1986, quando a comunidade universitária debaterá com convidados especiais temas como a "indissolubilidade do casamento", "independência da Constituinte", "plebiscito", "participação popular".

A terceira fase do projeto será posta em prática a partir de agosto, com uma série de eleições e pela UnB, em convênio com o JBr, de cartilhas e apostilas com os resultados dos debates, das palestras, e das tendências da comunidade universitária.

Cristovam Buarque, um dos primeiros a levantar a bandeira do meio ambiente como tema a ser tratado com relevância na próxima carta constitucional, pretende discutir a questão amplamente na Universidade, de forma a engajar toda comunidade num problema visto atualmente por minorias ecológicas.

A Universidade, segundo Cristovam, deve ser o fórum de debates pré-constitucionais de Brasília. O campus gerador de idéias a serem refletidas pela sociedade.

A UnB deve trabalhar efetivamente como ponto importante de ligação entre os cidadãos e as questões que afligem a sociedade brasileira.